

**Não reconheço a minha vida que até
ontem estava aqui: o mal-estar do
capitalismo flexível na HQ Cidade, de
Gimenez e Barreiro**

*I don't recognize my life that was here until
yesterday: the malaise of flexible capitalism in the
comic book Cidade, by Gimenez and Barreiro*

*No reconozco mi vida que estuvo aquí hasta ayer:
el malestar del capitalismo flexible en la Cidade,
por Giménez y Barreiro*

Tiago José Duarte Rézio

Universidade Federal de Goiás
tiago.duarte@discente.ufg.br

Fernando Lobo Lemes

Universidade Estadual de Goiás
fernando.lemes@ueg.br

Resumo: As reflexões expostas neste texto se estruturam a partir do primeiro capítulo de Cidade (2022). A obra distópica dos argentinos Juan Giménez e Ricardo Barreiro – que serviu como substância para analisar as apreciações de Richard Sennett sobre o capitalismo flexível – apresenta o personagem Jean, um designer gráfico e ex-historiador, que leva uma vida tediosa em um bairro parisiense. As análises apresentadas no ensaio buscam apontar algumas questões sobre como as mudanças impostas pelos grupos hegemônicos afetam a vida da classe trabalhadora e sua relação com um bem que,

por ser obra do trabalho coletivo, também deveria ser compartilhada coletivamente, ou seja, a cidade.

Palavras-chave: Cidade. Capitalismo Flexível. Racionalidade Neoliberal. Relações de Mercado.

Abstract:

The reflections set out in this text are based on the first chapter of Ciudad (2022). The dystopian graphic novel by Argentinians Juan Giménez and Ricardo Barreiro – which served as substance to analyze Richard Sennett's assessments of flexible capitalism – presents the character Jean, a graphic designer and former historian, who leads a tedious life in a Parisian neighborhood. The analyses presented in the essay seek to point out some questions about how the changes imposed by hegemonic groups affect the lives of the working class and their relationship with a good that, because it is the work of collective labor, should also be shared collectively, namely the city.

Keywords: City. Flexible Capitalism. Neoliberal Rationality. Market Relations.

Resumén: Las reflexiones expuestas en este texto se basan en el primer capítulo de Ciudad (2022). La novela distópica de los argentinos Juan Giménez y Ricardo Barreiro – que sirvió de base para analizar las apreciaciones de Richard Sennett sobre el capitalismo flexible – presenta al personaje Jean, diseñador gráfico y ex historiador, que lleva una vida tediosa en un barrio parisino. Los análisis presentados en el ensayo pretenden apuntar algunas cuestiones sobre cómo los cambios impuestos por los grupos hegemónicos afectan a la vida de la clase trabajadora y a su relación con un bien que, por ser obra del trabajo colectivo, también debería ser compartido colectivamente, a saber, la ciudad.

Palabras clave: Ciudad. Capitalismo Flexible. Racionalidad Neoliberal. Relaciones de Mercado.

Introdução

A obra distópica *Cidade* (2022), dos argentinos Juan Giménez e Ricardo Barreiro¹ nos apresenta o personagem Jean, um designer gráfico e ex-historiador que leva uma vida tediosa em um bairro parisiense. Não a Paris do turista, mas a Paris do cotidiano de Jean, o bairro onde mora em um apartamento e de lá caminha para o trabalho e o lazer – que se resume ao cinema, ao bar e à danceteria.

Conforme a sinopse da narrativa, certa noite, voltando para casa depois de mais uma discussão com sua namorada, Jean se encontra em uma área desconhecida do seu bairro. As ruas estão desertas e a paisagem, totalmente devastada. Não tardará a perceber que se encontra em um lugar que nada tem a ver com a sua cidade. Ele acabou em uma monstruosa metrópole habitada por “náufragos”, homens e mulheres que se perderam em algum lugar do mundo e reapareceram nesse labirinto urbano sem nome, sem lógica e sem regras. Um delírio povoado por homens impossíveis, personagens literários e monstros lendários.

Para Jean a paisagem urbana que o circunda é banal, como para qualquer outro trabalhador resignado a um sistema alienante. Entretanto, ao adentrar em uma rua de seu bairro, mais especificamente a Rua *Le Aleph*, percebe que nunca havia passado por ela ao se deparar com uma paisagem

¹ Juan Giménez nasceu em Mendoza, Argentina, em 1943. Iniciou sua carreira como quadrinista aos 16 anos, publicando nas revistas *Frontera*, *Misterix* e *Hora Cero*. Trabalhou para diversas agências de publicidade, fazendo storyboards para comerciais. No final dos anos 1970, deixa a Argentina e se instala na Espanha, onde passa a colaborar com diversas revistas europeias, como a francesa *Métal Hurlant*, a italiana *L'Eternauta*, e a espanhola *1984*, de Josep Toutain. Nesse período, publica *Escória* (com roteiro de Carlos Trillo), *Cidade* (com roteiro de Ricardo Barreiro), *Cuestión de Tiempo*, *El Cuarto Poder*, *Leo Roa* e *Juego Eterno*, trabalhos que deixariam clara sua inclinação pela fantasia e pela ficção científica. Em 1992, conheceu Alejandro Jodorowsky, com quem criaria *A Casta dos Metabarões*, uma saga de ficção científica de proporções épicas, originalmente publicada pela *Les Humanoïdes Associés*, e considerada uma das maiores histórias em quadrinhos do gênero. Recebeu inúmeros prêmios internacionais ao longo de sua carreira, destacando-se o prêmio de Melhor Desenhista no Salão de Quadrinhos de Barcelona (Espanha, 1984) e o *Yellow Kid* no Salão de Lucca (Itália, 1990). Teve seu trabalho exposto no Centro Georges Pompidou, em Paris (França, 1997). Faleceu em abril de 2020, em Mendoza, aos 76 anos de idade, vítima da covid-19. Ricardo Barreiro nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 1949. Sua carreira nos quadrinhos começou aos 22 anos, publicando histórias curtas. Pouco tempo depois, começou a desenvolver a série de ficção científica *Slot Barr*, com arte de Francisco Solano López, lançada em 1976. Posteriormente, colabora com Juan Zanotto, que desenha Bárbara, e Juan Giménez, que desenha *As de Pique*, *Cidade* e *Estrella Negra*. Em 1982, depois de passar pela Espanha e pela França, se instala em Roma e colabora com diversos desenhistas como Franco Suddelli (*O Homem de Wolfand*, *A Filha de Wolfand*), Enrique Breccia (*Avrack: El Señor de los Halcones*), Enrique Alcatena (*A Fortaleza Móvel*, *O Mundo Subterrâneo*), e Eduardo Risso (*Caim*, *Parque Chas*), entre outros. De volta à Buenos Aires em meados dos anos 1980, continuou trabalhando como roteirista até seu falecimento em abril de 1999, aos 49 anos de idade.

ao mesmo tempo reconhecível e estranha, na mesma cidade, porém, em outra cidade. Como o *Aleph* de Borges, em *Cidade*, apresentada por Giménez e Barreiro, “cada coisa era infinitas coisas” (borges, 1999, p.164).

Neste instante, a obra de Gimenez e Barreiro (2022), nos serve como ponto de partida para estabelecermos um paralelo a uma comparação feita por Sennett entre as visões opostas de Diderot e Adam Smith sobre a relação entre trabalhador e rotina de trabalho. Enquanto Diderot afirmava que a repetição e a rotina traziam paz de espírito aos seres humanos, Smith considerava que a rotina embruteceria o espírito (Sennett, 2012). No caso de Jean, ele se rende às incertezas do capitalismo flexível em detrimento de sua vida rotineira. Entretanto, dos males do capitalismo qual seria o menos perverso?

As constantes mutações do capitalismo, sobretudo em sua faceta chamada flexível, ao recair sobre a classe trabalhadora urbana se materializam em retirada de direitos constitucionais, insegurança trabalhista, alimentar, de moradia e de direito à cidade.

Com isso, há por parte da burguesia tecnocrata uma construção ideológica carente de evidências e intencionalmente confusa (Castells, 2014) de que o trabalhador deve sair de um estado de acomodação e que abra mão de uma suposta dependência do Estado para que cresça financeiramente e alcance uma falaciosa liberdade da rotina burocrática que o impede de empreender.

Todavia, a realidade que se constrói na cidade é excludente e exige que a classe trabalhadora tenha de se adaptar constantemente aos desígnios da burguesia e seu processo de espoliação e mercantilização da cidade e da vida.

A relação entre as técnicas de sobrevivência do modelo econômico capitalista e a transformação dos espaços de habitação da cidade em mercadoria, pode ser um bom exemplo da exclusão como elemento indissociável das práticas sociais, cujos efeitos alcançam seus habitantes.

Não sem razão, Rolnik (2015, p. 26) analisa cenas da vida cotidiana em regiões tão distintas e distantes como a Europa, Estados Unidos, América Latina, Oriente Médio e Ásia e conclui que, desde o início do século XXI, está

em curso um “[...] longo processo de desconstrução da habitação como um bem social e de sua transmutação em mercadoria e ativo financeiro”.

Muito além dos sinais indicados pelas crises financeira e hipotecária que, a partir dos Estados Unidos, contaminaram o sistema financeiro global, ainda na primeira década do século, o fenômeno oferece indícios, segundo a autora – que replica as reflexões de Harvey (2014b) sobre o tema –, de uma espécie de “[...] conversão da economia política da habitação em elemento estruturador de um processo de transformação da própria natureza e forma de ação do capitalismo em sua versão contemporânea”. Mudança caracterizada, sobretudo, por força de uma “[...] era de hegemonia das finanças, do capital fictício e do domínio crescente da extração da renda sobre o capital produtivo” (Rolnik, 2015, p. 26-27).

De fato, evidencia-se um processo que alcança a existência na cidade e da cidade identificado como financeirização, ou seja, “o domínio crescente de atores, mercados, práticas, narrativas [e subjetividades] financeiros em várias escalas, o que resulta, conforme Aalbers (2015), citado por Rolnik (2015, p. 27), “[...] na transformação estrutural de economias, empresas (inclusive instituições financeiras), Estados e grupos familiares”.

Noutros termos, a absorção do setor habitacional e, ao mesmo tempo, a assimilação dos habitantes de média e baixa renda das cidades na condição de consumidores pelas redes financeiras globais, inauguram novas fronteiras e estratégias para a acumulação do capital, transformando a cidade em espaço contínuo para a circulação de valores, tocando praticamente todas as partes vivas que integram os centros urbanos mundiais.

Desde logo, considerando apenas este aspecto devastador para a vida de um sem número de cidadãos do planeta, os impactos provocados pelas alterações nas estratégias de aprovisionamento das formas de habitação guardam implicações diretas com as condições de organização estruturais das cidades, reestruturando-as a partir de outras conexões, de uma nova lógica de reprodução das relações capitalistas.

Mais do que apenas a introdução de novas políticas habitacionais, trata-se, de fato, de um movimento que institui novos complexos

urbanístico, imobiliário e financeiro que acabam por redefinir e redesenhar a vida complexa da cidade e da experiência de seus habitantes.

A cidade, portanto, seria uma “fonte de criação ou de decadência?” (Castells, 214, p.125). Ou, assim como Jean e os demais habitantes de *Cidade*, fomos transformados em pessoas melhores ou ficamos a “[...] esmo em um mundo de anomia e alienação, raiva e frustração?” (Harvey, 2014).

As reflexões expostas neste texto se estruturam a partir do primeiro capítulo de *Cidade*, que serviu como substância para as análises de Richard Sennett sobre o capitalismo flexível. Em seguida, o texto busca apontar algumas questões sobre como as mudanças impostas pelos grupos hegemônicos afetam a vida da classe trabalhadora e sua relação com um bem que, por ser obra do trabalho coletivo, também deveria ser compartilhada coletivamente, ou seja, a cidade.

Cidade e o Capitalismo Flexível

Cidade pode ser lida como uma metáfora à nova roupagem do capitalismo ou o chamado capitalismo flexível (Sennett, 2012), uma diferente perspectiva de exploração capitalista fazendo com que o trabalhador se sinta em uma constante situação de desconforto e risco – com uma paradoxal ilusão de liberdade e de estar perdido que superaria a rotina burocrática. Ou seja, noutros termos, o discurso neoliberal de que qualquer trabalhador assalariado pode abrir mão de seus direitos trabalhistas e se tornar um empreendedor livre das amarras estatais.

O jogo de reflexos da prática política e econômica neoliberal, centrado na desregulamentação das regras que norteiam as relações trabalhistas, promove a desintegração do horizonte – a expressão é de Byung-Chul Han – e das perspectivas de futuro, promovendo o desaparecimento dos contextos, até então reconhecidos, que davam sentido e identidade aos sujeitos – a partir de então, fragmentados em sua integridade (Han, 2019).

O sujeito do desempenho, empresário de si mesmo, que se julga livre, é capturado pelas teias da exploração capitalista, travestida e disfarçada no conceito de liberdade. Sem os grilhões visíveis que atavam o escravo à

submissão de seu senhor, o sujeito empreendedor se imagina livre. Contudo, é na verdade um servo.

Nos termos de Han (2020, p. 10), trata-se de “[...] um *servo absoluto*, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. Nenhum senhor o obriga a trabalhar”. Entretanto, nessas condições, este tipo de liberdade, “[...] que deveria ser o contrário da coação também produz ela mesma coerções”. Tomado por pressões e obrigações ligadas ao trabalho (metas e prazos impraticáveis que assume para si), as falhas e atrasos que porventura apareçam como resultado de um volume exagerado de responsabilidades são percebidas como insuficiência e incapacidade do e pelo próprio sujeito. Neste caso, desordens de natureza psíquica, “[...] como depressão ou burnout são expressões de uma profunda crise da liberdade: são sintomas patológicos de que hoje ela se transforma muitas vezes em coerção.

Finalmente, neste aspecto, o capitalismo neoliberal, reinvenção do próprio capitalismo no século XXI (como diria Marx, o capital pare continuamente filhotes), revela toda sua eficiência e, mesmo, inteligência, na exploração da liberdade. Como lembra Han (2020, p. 11-12), “[...] tudo aquilo que pertence às práticas e às formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado. Explorar alguém contra sua própria vontade não é eficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro”.

Antecipando os efeitos perversos desta nova racionalidade do capitalismo ocidental, Pierre Bourdieu (citado por Catani; Nogueira; Hey; Medeiros, 2017, p. 275) alerta que “O neoliberalismo é uma teoria econômica poderosa, que aumenta muito através de sua força simbólica a força já existente das realidades econômicas que ele aparentemente apenas exprime”. E vai mais longe:

Esse evangelho, ou melhor, a vulgata mole que nos é proposta de todos os lados sob o nome de liberalismo é feita de um conjunto de palavras mal definidas como ‘globalização’, ‘flexibilidade’, ‘desregulação’, etc. as quais, pelas suas conotações liberais e mesmo libertárias podem conferir uma aparência de mensagem de liberdade e de

liberação para um ideologia conservadora que se pensa como oposta a todas as ideologias.

É neste sentido que a noção de liberdade é capturada no modelo neoliberal, produzindo a sensação de um sujeito livre que, em tese, faria escolhas e julgamentos independentes das peias dos poderes que, na verdade, os condiciona e explora. Neste ambiente, onde se respira uma racionalidade específica, apontado como a “nova razão do mundo” (Dardot; Laval, 2016), “[...] já não trabalhamos por causa de nossas próprias necessidade, e sim pelo capital. O capital gera suas próprias necessidades, que erroneamente percebemos como se fossem nossas. O capital representa uma nova transcendência, uma nova forma de subjetivação” (Han, 2020, p. 16).

No Brasil, lembremos da transição entre os governos pós golpe de 2016. O lema “Não pense em crise, trabalhe”, utilizada como slogan informal durante o governo de Michel Temer, simboliza a materialização da violenta precarização da classe trabalhadora, sobretudo, das parcelas já fragilizadas.

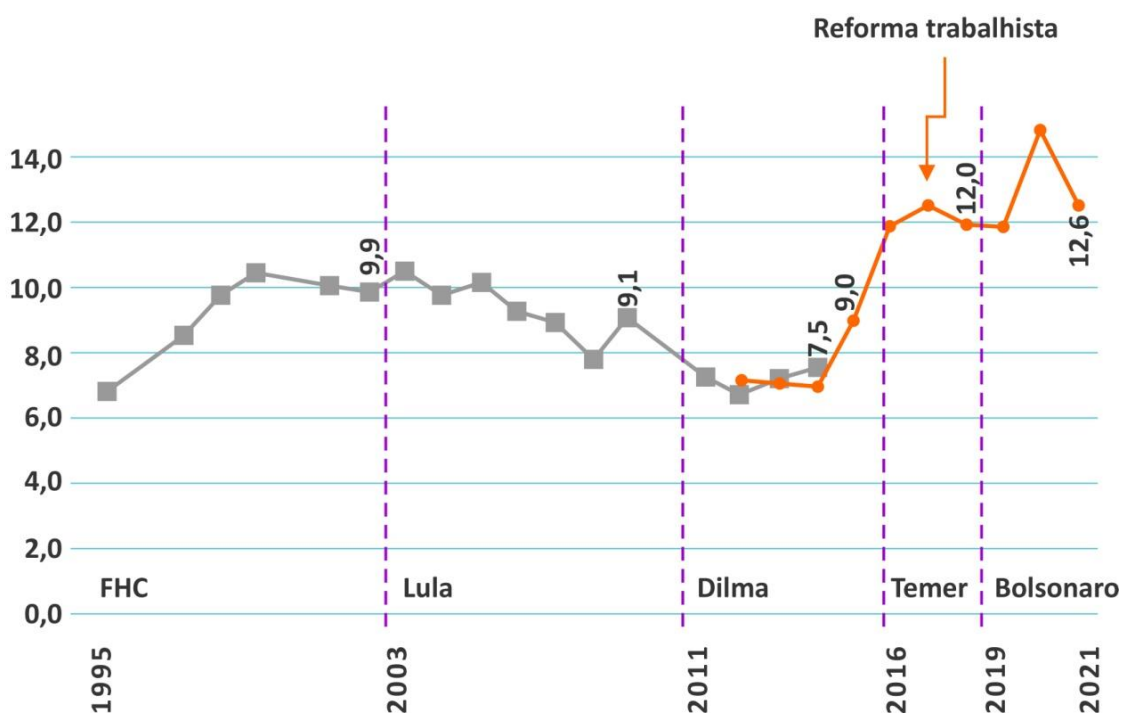


Figura 1 - Taxa de desemprego (%) no Brasil de 1995 a 2021.

Fonte: IPEA/DIEESE, 2022. Editado pelos autores, 2024.

A alteração na Consolidação das Leis do Trabalho, entre outros aspectos, flexibilizou as relações de trabalho sob a justificativa de “[...] adequar a legislação às novas relações de trabalho” (Brasil, 2017), ou seja, flexibilizar direitos vistos pela burguesia como entraves do Estado ao desenvolvimento econômico do país. Entretanto, o papel do Estado sempre foi, na verdade, como explica Castilho (2019), utilizar de seu aparato de controle e elaboração de leis para ampliar as condições para que a classe dominante prospere com seu processo de acumulação espoliativa.

As políticas instituídas no mandato presidencial de Michel Temer, entre 2016 e 2018, são um preparatório para o que seria implementado pelo governo Bolsonaro (2019-2022), caracterizadas pela flexibilização produtiva que ampliam o poder da classe dominante sobre a reprodução do capital (Harvey, 2014).

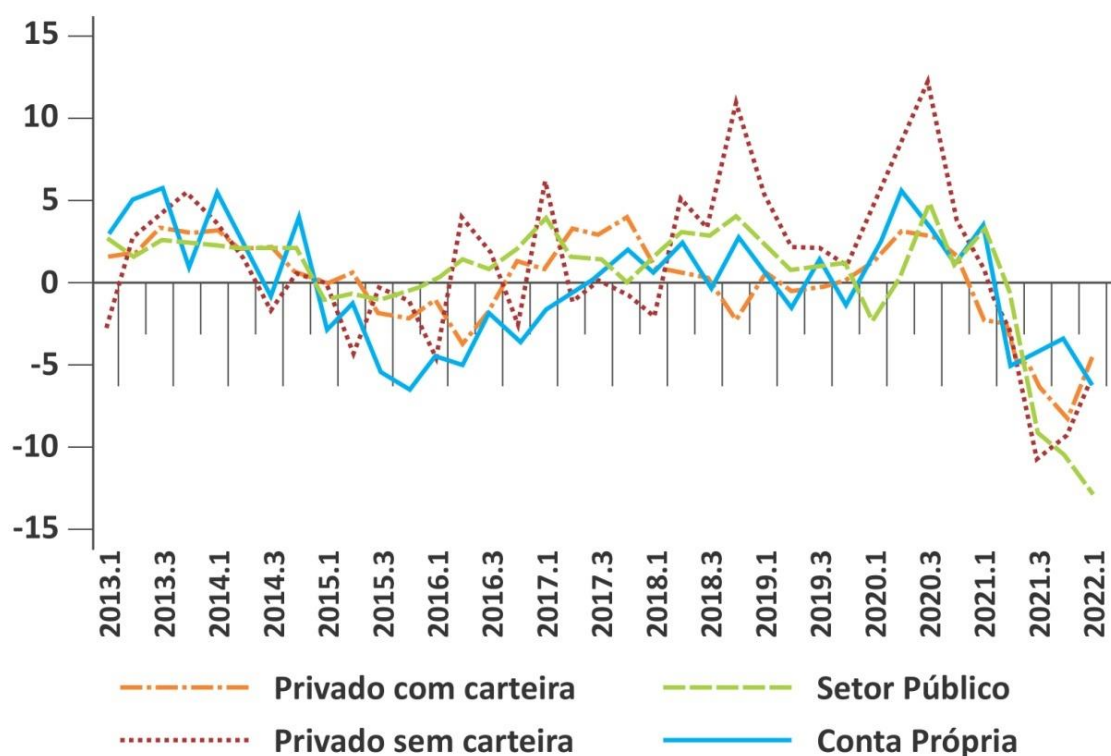


Figura 2 - Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNDA Contínua): Rendimento habitual médio real por tipo de vínculo. (Taxa de variação interanual - em %)

Fonte: IPEA/DIEESE, 2022. Editado pelos autores, 2024.

Por outro lado, ao observar os dados sobre a taxa de desemprego após a reforma trabalhista (Figura 1), constata-se uma queda a partir de 2021. Entretanto, ao confrontar o rendimento habitual médio por tipos de vínculo trabalhista (Figura 2) tem-se uma redução dos ganhos, sobretudo no trabalho por conta própria (linha azul do gráfico).

Desde logo, a configuração imposta pelos agentes capitalistas sobre as relações trabalhistas intensifica a aplicação do modelo flexível fazendo com que o desempregado se torne um trabalhador informal ou, utilizando do eufemismo proposto pela ideologia neoliberal, um trabalhador livre para empreender sem os supostos entraves da burocracia estatal.

O caminho aberto para o livre mercado e a geração de exército de reserva no modelo flexível tem como consequências a redução nos rendimentos da classe trabalhadora e a alta concentração de riquezas para a classe dominante. Todavia, para o trabalhador, a liberdade da rotina provoca uma percepção confusa e sem perspectivas a médio e longo prazo, pois, o modelo do capitalismo flexível descrito por Sennett apresenta uma “concentração sem centralização” (2012, p. 61) que

[...] é uma maneira de transmitir a operação de comando numa estrutura que não mais tem a clareza de uma pirâmide – e a estrutura institucional se tornou mais complexa, não mais simples. Por isso, a própria palavra “desburocratização” é enganadora, além de desgraciosa. Nas modernas organizações que praticam a concentração sem centralização, a dominação do alto é ao mesmo tempo forte e informe (Sennet, 2012, p.63).

A dificuldade de leitura dos processos de dominação faz com que a classe trabalhadora siga se submetendo às diversas instabilidades programadas do capitalismo flexível e naturalizando os processos de exploração, controle e obediência (Castilho, 2019).

Uma das maneiras de estabelecer tais processos de flexibilização é reconfigurar constantemente os locais de moradia para ricos e pobres, sobretudo, obliterando o entendimento da classe trabalhadora sobre o direito à cidade e a consciência de classe.

Harvey (2014) reflete sobre como somos constantemente refeitos na cidade capitalista e que “[...] os últimos cem anos significam, por exemplo,

que fomos refeitos várias vezes, sem saber como ou por quê” (Harvey, 2014, p. 29). Essa sensação de constante ansiedade, raiva e frustração é questionada por David Harvey em relação ao rápido processo de urbanização que faz com que a classe trabalhadora também tenha que se flexibilizar em relação ao seu direito à cidade.

No primeiro capítulo de *Cidade*, logo ao se perder em um tempo que é sempre noite, Jean se depara com um território violento comandado por uma milícia fortemente armada. Neste mesmo capítulo, Jean é salvo por Karen, uma personagem que faz o contraponto com a perspectiva flexível de Jean. Karen, uma ex-prostituta que trabalhava próximo ao porto de Marselha, se perdeu na cidade cinco anos antes e a duras penas se adaptou ao território hostil.

Karen compreende a materialidade da cidade e sua lógica cruel, sua percepção sobre a realidade em que se encontra contrasta com a confusão ingênua de Jean (Figura 3). A personagem possui uma noção de que é preciso estar sempre alerta às constantes quebras de rotina, ou seja, a próxima mudança será sempre pior que a anterior, contrapondo a ideologia de que a flexibilidade capitalista não é uma melhor solução para o modelo da rotina burocrática, que também é burguesa e excludente.



Figura 1 – Karen explica a Jean que todos os habitantes da Cidade são náufragos, enquanto Jean, desorientado por sua nova condição, não compreende que a Cidade vai além da sua percepção.

Fonte: Giménez e Barreiro, 2022. Editado pelos autores.

Assim, para Jean é inconcebível a ideia de uma Paris com a qual ele se depara. Entretanto, agora esta é a sua realidade, por mais difícil que seja aceitá-la e, muito provavelmente, ele é um novo desempregado a engrossar o exército de reserva que se desloca para as periferias das cidades mundiais onde o mesmo padrão de reprodução da urbanização excludente se repete.

Não sem razão, David Harvey menciona que

[...] a burguesia levou mais de cem anos para concluir a conquista do centro de Paris, com as consequências que temos vistos nos últimos anos – distúrbios e ações violentas nos subúrbios isolados nos quais os imigrantes marginalizados, os trabalhadores desempregados e os jovens estão cada vez mais acudados (Harvey, 2014, p. 51).

A força de trabalho ociosa é fundamental para a reprodução do capital. A burguesia compreendeu que tudo pode se transformar em mercadoria, inclusive o desespero, a ansiedade e as frustrações.

Dentre as inúmeras formas de materialização do capital a partir da exploração da força de trabalho, podemos citar o capital espacial. Para a compreensão deste conceito, Secchi (2019, p. 35) explica que, para os ricos, o capital espacial significa viver “[...] em locais da cidade e do território dotados de requisitos que facilitam a inclusão na vida social, cultural, profissional e política, assim como nas atividades que lhes são mais afins”.

Por sua vez, a população pobre é aquela “[...] cujo capital espacial a exclui dos direitos mais elementares de cidadania; que é estigmatizada e “etiquetada” em função do próprio lugar de residência” (Secchi, 2019, p. 35). Santos (2013, p. 101), por seu turno, amplia o entendimento do conceito afirmando que na organização do território uma “[...] nova hierarquia se impõe entre lugares, hierarquia com nova qualidade, com base em diferenciação muitas vezes maior do que ontem, entre os diversos pontos do território”.

Assim, podemos questionar qual e para quem cada parte da cidade é real, tendo em vista que a cidade produzida para a classe dominante não é mesma feita para a classe trabalhadora. Ou seja, um projeto de cidade regulado pelo Estado sob os desígnios hegemônicos determinará uma escala de acesso ao capital espacial para cada classe social.

Nesse sentido, o capital encontra um meio de constante reprodução, renovando e redistribuindo as pessoas na cidade, potencializando a segregação de determinadas classes e aproximando outras de acordo com seu poder de acesso a bens e serviços.

Considerações finais

O que pensar de uma cidade? “Inocente ou culpada?” pergunta-se Jean-Claude Pirotte, citado por Arlette Farge (1994, p 133. Tradução dos autores). E é ela mesma quem oferece uma resposta à questão replicada em seu próprio texto: “Apanhada em flagrante, a cidade não é inocente nem

culpada; ela é suspeita, no meio selvagem de sua furtividade e movimento, onde as coisas são escondidas e descobertas”. Na verdade, “A cidade é um mundo em que não há descanso. Sempre perturbada, a cidade perturba”.

Repleta de ambiguidades e múltiplas interpretações, a incerteza é sua marca indelével. Pertencer ou fazer parte dela, implica em suportar os desdobramentos de suas idiossincrasias e seguir os passos, as pistas, os rastros deixados por outros que por ela passaram. Ainda assim, ela poderá ser conhecida, mas continuará secreta aos olhos dos sujeitos que nela habitam.

Como lembre Farge (1994, p. 134. Tradução dos autores), a cidade

[...] encerra em si mesma a multiplicidade nunca totalmente revelada de narrativas que a irrigam e lhe concedem uma textura particular. Composta de histórias – e não de anedotas – que se tornam história após o fato, a cidade é um palco ou, mais precisamente, um drama, onde indivíduos, que não são personagens teatrais, estão constantemente em ação.

Assim, tal como os personagens que povoam a obra distópica de Giménez e Barreiro, os moradores da cidade encenam suas vidas de tal forma que nenhum filme ou livro jamais será capaz de lhes fazer justiça. Na cidade neoliberal do século XXI, nada se compra ou se paga em “cash”, à vista ou a prazo. As formas de pagamento são dolorosas e angustiantes, parcelas da própria vida, do tempo objetivo dedicado à experiência no mundo consumido pelo trabalho.

Nesta economia da exploração capitalista do ser, devemos saber, como informa Farge, o que, de fato, simultaneamente, está acontecendo na cidade: “[...] não se trata de impressionismo ou de uma sucessão de quadros que se repetem indefinidamente”, diz ela, “mas de uma sedimentação de fatos e eventos ocorrendo em cada cruzamento que enraíza a cidade nas profundezas da vida e, ao mesmo tempo, a estratifica em uma comunidade ativa e reativa” (Farge, 1994, p. 134).

Nela, os fluxos e refluxos das relações de produção capitalistas, sobretudo as discutidas neste texto, apontam para a necessidade de uma identificação dos grupos hegemônicos, novos agentes, organizações e o papel das instituições públicas na materialização do espaço urbano (Capel,

2013). O domínio concentrado, porém, descentralizado, dificulta, inclusive, a sua classificação na escala local de produção da cidade, tendo em vista que a distribuição de tarefas em muitos casos é feita a partir de blocos, ou *jobs* no linguajar corporativo (Sennet, 2012).

Imersas na cidade, tais tarefas nada mais são que as inúmeras possibilidades de terceirização de serviços que ocultam a classe dominante e desarticulam a classe trabalhadora, convergindo para uma demanda de mão de obra que, por sua vez, formará um excedente de sujeitos ociosos, verdadeira legião de reserva de força de trabalho que, assim como Jean e Karen, enraizados e, ao mesmo tempo, perdidos nas profundezas da vida cotidiana, serão náufragos na cidade.

Referências

AALBERS, Manuel. Corporate Financialization. In: CASTREE, Noel et al. (Orgs.). *The international encyclopedia of geography: people, the Earth, environment, and technology*. Oxford: Wiley, 2015.

BORGES, Jorge Luís. *Obras Completas de Jorge Luís Borges*. São Paulo: Globo, 1999.v. 1.

BRASIL. Lei nº 13467, de 13 de julho de 2017. *Altera a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a fim de adequar a legislação às novas relações de trabalho*. Brasília. Palácio do Planalto, 2017.

CAPEL, Horacio. *La Morfología de las Ciudades: I. Sociedad, cultura y paisaje urbano*. Barcelona: EdicionesdelSerbal, 2002.

CAPEL, Horacio. *La Morfología de las Ciudades: II. Aedes facere: técnica, cultura y classe social em laconstrucción de edificios*. Barcelona: EdicionesdelSerbal, 2005.

CAPEL, Horacio. *La Morfología de las Ciudades: III. agentes urbanos y mercado inmobiliario*. Barcelona: EdicionesdelSerbal, 2013.

CARVALHO, Sandro Sacchet de. Retrato dos rendimentos e horas trabalhadas: resultados da Pnad contínua do primeiro trimestre de 2022. *Carta de Conjuntura*, Brasília, v. 25, n. 55, p. 1-16, 10 jun. 2022.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

CASTILHO, Denis. Redes e processos espoliativos no centro-norte do Brasil. In: OLIVEIRA, F. G. de et al (orgs.). *Espaço e economia: geografia econômica e a economia política*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina de (Orgs.). *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DIEESE. *Brasil: Indicadores socioeconômicos selecionados. Séries históricas de 1995 a 2021*. São Paulo: DIEESE, 2022.

FARGE, Arlette. *Le cours ordinaire des choses dans la cité au XVIIIe siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

GIMÉNEZ, Juan; BARREIRO, Roberto. *Cidade*. São Paulo: Comix Zone, 2022.

HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

HARVEY, David. *Seventeen Contradictions and the End of Capitalism*. Oxford: Oxford University Press, 2014b.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2013.

SECCHI, Bernardo. *A cidade dos ricos e a cidade dos pobres*. Belo Horizonte: Âyiné, 2019.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

SENNETT, Richard. *Construir e habitar: ética para uma cidade aberta*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

Tiago José Duarte Rézio

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

E-mail: tiago.duarte@discente.ufg.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/0522669707852106>

Fernando Lobo Lemes

Doutor em História pela Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, professor/pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e membro da Rede de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos (REIA).

E-mail: fernando.lemes@ueg.br

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8574762759505644>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0547-0613>

Recebido para publicação em dezembro de 2024.

Aprovado para publicação em outubro de 2025.